



17

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

ISSN: 2183-0924

MAI 2023

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

17

MAIO

2023

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Mai de 2023**

Volume: **17**

Capa: Intervenção na “casa” da Senhora da Alegria
(Foto de Miguel Lago)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

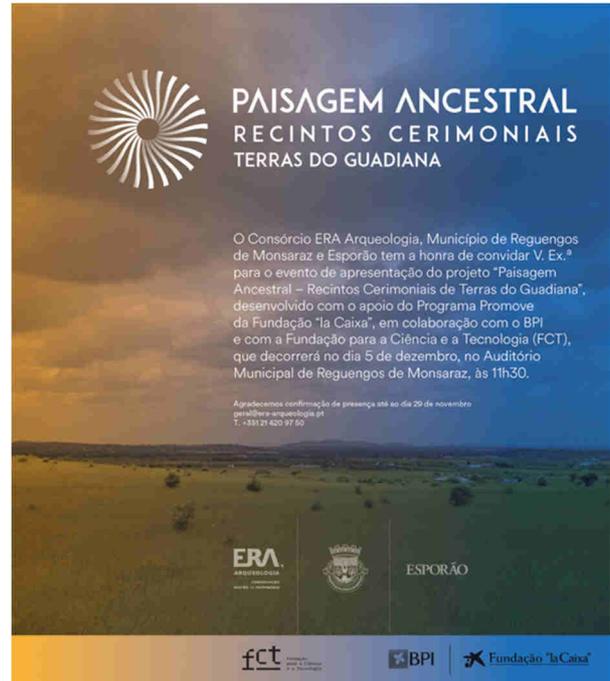
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07	Anabela Sá, Inês Mendes da Silva EVOLUÇÃO DO EDIFICADO NO PALÁCIO VAZ DE CARVALHO: CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA	37
António Carlos Valera, Rui Ramos, Tiago do Pereiro UMA “CASA” SUB-RECTANGULAR EM CONTEXTO DO NEOLÍTICO FINAL NA SENHORA DA ALEGRIA (ALMALAGUÊS, COIMBRA)	09	Ana Rita Silva, Tiago Nunes, Inês Mendes da Silva O CASO DA RUA DE SÃO TOMÉ, 76. CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO URBANA DE LISBOA (XI – XXI).	49
Ana Rosa RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO ÂMBITO DE UM PROJECTO DE MODIFICAÇÃO DE LINHA AÉREA NA HERDADE DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ, ÉVORA)	21	João Miguez, Filipe Santos Oliveira ANTÓNIO DA GAMA PEREIRA - UMA ANOTAÇÃO BIOGRÁFICA	57
Márquez-Romero, J.E.; Caro-Herrero, J.L., Suárez-Padilla, J.; Mata-Vivar, E.; Milesi-García, L.; Jiménez-Jáimez V.; Cuevas- Albadalejo, P.; Costa, C. ARCHAEOLOGICAL ACTIVITIES CARRIED OUT BY THE UNIVERSITY OF MALAGA (2008-2016) AT THE PERDIGÕES ARCHAEOLOGICAL COMPLEX (REGUENGOS DE MONSARAZ. PORTUGAL): FINAL CONSIDERATIONS	27	Pedro Abade, Sofia Nogueira, Lucy S. Evangelista, Camila Lacueva, Diana Dinis UM CEMITÉRIO MODERNO NA TRAVESSA DE SANTA QUITÉRIA, LISBOA	63
		Hugo Bernardo Barreiros O MITO, IMANÊNCIA DAS IMAGENS. (ÍDOLOS, PETRÓGLIFOS E SIMULACROS	75



EDITORIAL

Projecto Recintos Cerimoniais

Património é hoje um agente social, cultural e económico fundamental para um desenvolvimento sustentável. No caso do património arqueológico, a relação com o turismo e indústrias criativas permite aumentar a oferta de programas culturais atractivos e diversificados, podendo ser um estímulo à complementaridade e às parcerias em rede, mediante a combinação de várias ofertas regionais. Uma lógica que é particularmente relevante nos territórios do interior, como alternativa ao modelo de sol e praia.

Mas sendo a cultura um factor competitivo cada vez mais importante, existe um vasto potencial desaproveitado no que respeita ao património arqueológico. No interior alentejano, os recintos de fossos pré-históricos são disso um exemplo gritante. Em grande medida desconhecidos do grande público, e sendo um património ameaçado pelos impactos negativos da crescente agricultura intensiva, constituem um conjunto patrimonial de grande relevância científica e cultural.

A sua activação social em rede com outras valências regionais é o objecto central de um novo projecto da ERA Arqueologia, em consórcio com o Esporão SA. e Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, e financiado pelo programa PROMOVE da Fundação La Caixa. Visa potenciar o significativo trabalho de inventariação e investigação que temos vindo a realizar na região sobre os recintos de fossos pré-históricos, utilizando como âncora regional o recinto dos Perdigões, recentemente classificado como Monumento Nacional.

António Carlos Valera

UMA “CASA” SUB-RECTANGULAR EM CONTEXTO DO NEOLÍTICO FINAL NA SENHORA DA ALEGRIA (ALMALAGUÊS, COIMBRA).

António Carlos Valera¹
Rui Ramos²
Tiago do Pereiro²

Resumo:

Durante a intervenção realizada pela empresa Omniknos no sítio da Senhora da Alegria (freguesia de Almalaguês, concelho de Coimbra), o qual apresenta ocupações do Neolítico Antigo, Médio e Final e dos períodos Tardo Romano e medievo, foi identificada a infraestrutura (buracos de poste) de uma casa de madeira alongada e de planta sub-rectangular. O presente texto descreve a estrutura, discute o seu enquadramento estratigráfico e cronológico na ocupação do Neolítico Final, a qual é brevemente caracterizada, e procura questioná-la no contexto de algumas evidências de arquitecturas ortogonais domésticas da Pré-História Recente peninsular.

Abstract:

A sub-rectangular “house” in a Late Neolithic context at Senhora da Alegria (Almalaguês, Coimbra).

During the intervention carried out by the company Omniknos at the site of Senhora da Alegria (parish of Almalaguês, municipality of Coimbra), which presents occupations from the Early, Middle and Late Neolithic and from the Late Roman period and Middle Age, the infrastructure (post holes) of an elongated wooden house with a sub-rectangular plan was identified. This text describes the structure, discusses its stratigraphic and chronological framework in the Late Neolithic occupation, which is briefly characterized, and seeks to question it in the context of some evidence for orthogonal domestic architectures in Late Prehistory in Iberia.

1. Introdução.

Em 2011 e 2012 a empresa Omniknos, assessorada pela ERA Arqueologia, desenvolveu um extenso trabalho de escavação de minimização de impactos (cerca de 4800m² intervencionados) no âmbito da construção da autoestrada da Concessão do Pinhal Interior no sítio da Senhora da Alegria. Nesta intervenção revelou-se um sítio com uma longa cronologia de ocupações, entre o Neolítico Antigo e a Idade Média, passando por contextos do Neolítico Médio, Neolítico Final, Bronze Final e período Tardo Romano. Até ao momento, apenas foi publicado um texto relativo aos contextos do Neolítico Antigo (Valera *et al.*, 2020) e um outro onde se faz referência a duas datações de radiocarbono obtidas para essa fase inicial do Neolítico e para os contextos atribuíveis ao Neolítico Médio (Valera, 2013). No presente texto é feita uma breve descrição dos contextos atribuíveis ao Neolítico Final no sentido de contextualizar uma casa específica, a qual será o foco desta publicação.

2. Localização: um nó nas ligações inter-regionais, numa área de recursos diversificados

O sítio da Senhora da Alegria localiza-se a sul da igreja do mesmo nome, a Nordeste da povoação Rio de Galinhas, freguesia de Almalaguês, concelho e distrito de Coimbra. As suas coordenadas geográficas genéricas são: 40°07'04.27"N, 8°23'16.42"W, a uma altitude que varia entre 204 e 192m.

Em termos morfoestruturais, a área de implantação do sítio integra-se na Orla Mesocenozóica Ocidental de Portugal Continental, sendo atravessada a Este pela falha Porto-Tomar-Badajoz-Córdoba, que marca, localmente, o limite entre a Orla Ocidental e o Maciço Hespérico.

¹ Era Arqueologia / ICArEHB-U.Algarve (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

² Era Arqueologia (ruiramos@era-arqueologia.pt; tiagodopereiro@era-arqueologia.pt)

Distinguem-se assim duas unidades morfo-estruturais: as serras e planaltos calcários e as áreas deprimidas marginais, encerrando uma grande variedade de recursos geológicos, facto que está directamente relacionado com as estruturas resultantes das forças tectónicas que afectaram a região ao longo de milhões de anos até à actualidade.

A localização do sítio numa área de transição confere-lhe características particulares em termos litológicos, estando representadas as formações do soco da bacia nesta região, de idade precâmblica e paleozóica, além dos primeiros depósitos de enchimento do Fosso Lusitaniano, constituídos por conglomerados, arenitos e argilas do Triásico. Numa área mais circunscrita podemos observar que a nascente encontramos o arenito ou grés, rochas essencialmente detríticas, datáveis do período Triásico e pertencentes ao chamado conjunto do Grés de Silves, que se prolongam através de uma estreita faixa, desde Tomar até Aveiro. Já para poente encontramos os calcários, que com o seu fraco teor argiloso e com a sua forte permeabilidade dão fruto a uma gama variada de formas cársicas, superficiais e de profundidade.

A geomorfologia da paisagem está igualmente fortemente condicionada pelo percurso final do Rio Mondego. Na zona da Portela, com a confluência com o rio Ceira, o rio deixa para trás o planalto beirão, o Maciço antigo e os percursos sinuosos e passa a um rio de planície. É este último troço de cerca de 48km e a sua bacia hidrográfica que definem a região natural do Baixo Mondego. Entre 8000-6000 AC ter-se-á iniciado a formação de uma ria flandriana no Baixo Mondego, a qual terá atingido a sua extensão máxima por volta de 3000 AC (Dias, 1987) e chegado às imediações da actual cidade de Coimbra, a escassos 11 km do sítio da Senhora da Alegria. Localizado numa área relativamente interior, a cerca de 41 km da costa, o local encontrava-se, de facto, mais próximo do litoral, através da penetração deste “braço de mar” que foi a ria flandrina do Mondego (Figura 1).

O sítio da Senhora da Alegria está, assim, localizado num ponto nodal, perto da cabeça da ria flandriana do Mondego, junto às portelas de acesso à bacia interior daquele rio e no extremo norte do vale norte-sul do rio Nabão que estabelece a ligação a sul (e por ele segue, precisamente, a auto-estrada do Pinhal Interior que deu origem à identificação do sítio). Um verdadeiro nó (significativamente foi ali implantado um nó da auto-estrada) nas ligações e relações entre diferentes territórios regionais, concretamente nas ligações entre o estuário do Baixo Mondego, a Beira Alta e o Tejo na zona do Maciço Calcário Estremenho. Esta localização terá sido central na história do sítio e dos papéis que desempenhou ao longo do Neolítico, ainda que com intermitências. Por outro lado, este carácter nodal conjugava-se com uma grande variedade litológica envolvente e com a proximidade à ria, que proporcionavam uma multiplicidade de recursos disponíveis a distâncias relativamente curtas. Em torno, é possível identificar zonas, não muito distantes, com matérias-primas utilizadas durante as fases da sua ocupação na Pré-Histórica Recente. Na Serra da Lousã existem afloramentos de rochas ígneas (granitos) e metamórficas (xistos e grauwagues), na Serra de Sicó rochas sedimentares detríticas e químicas

(calcários e sílex), nos terraços do Rio Mondego quartzos e quartzitos.

Em termos mais locais, o sítio está implantado numa plataforma aplanada, mas elevada e inclinada no sentido Norte-Sul. A base estéril de assentamento das ocupações neolíticas é, contudo, variada. A metade Este é constituída pelo substrato arenítico coberto por depósitos areno-argilosos de cor alaranjada, amarelada e avermelhada. Já na parte Oeste verifica-se uma base rochosa constituída por siltitos e argilitos, coberta por sedimentos silto-argilosos de coloração amarelada, acinzentada e bege. Foi ainda detectada a presença de paleocanais, de cronologia indeterminada, e diáclases de orientação N-S e E-O. Estas características do substrato local facilitaram a escavação das estruturas negativas identificadas sobretudo nas fases de ocupação correspondentes ao Neolítico Médio e Final.

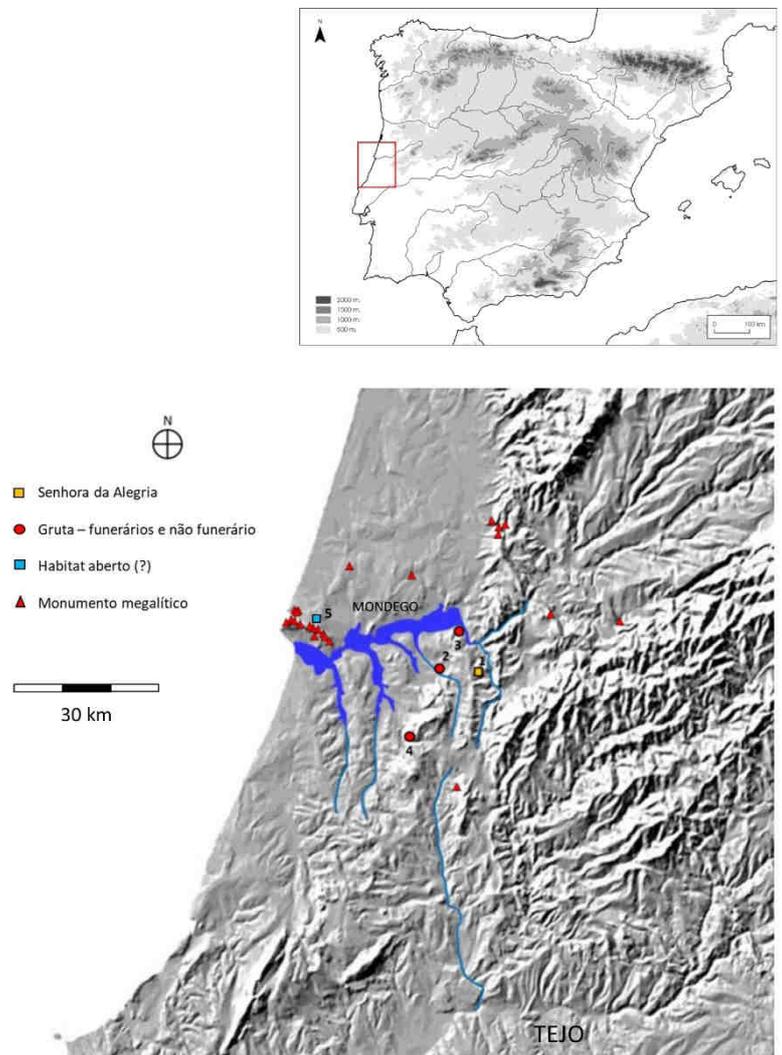


Figura 1 – Localização da Senhora da Alegria (1) no contexto do megalitismo regional e de outros sítios locais com ocupações atribuíveis ao Neolítico Final: 2. Buraca Grande; 3. Alqueves; 4. Pelónia; 5. Arneiro. Com esboço da área abrangida pela ria flandriana do Baixo Mondego (8000/6000 a.C. – 3000 a.C.), a partir de Dias, 1987.

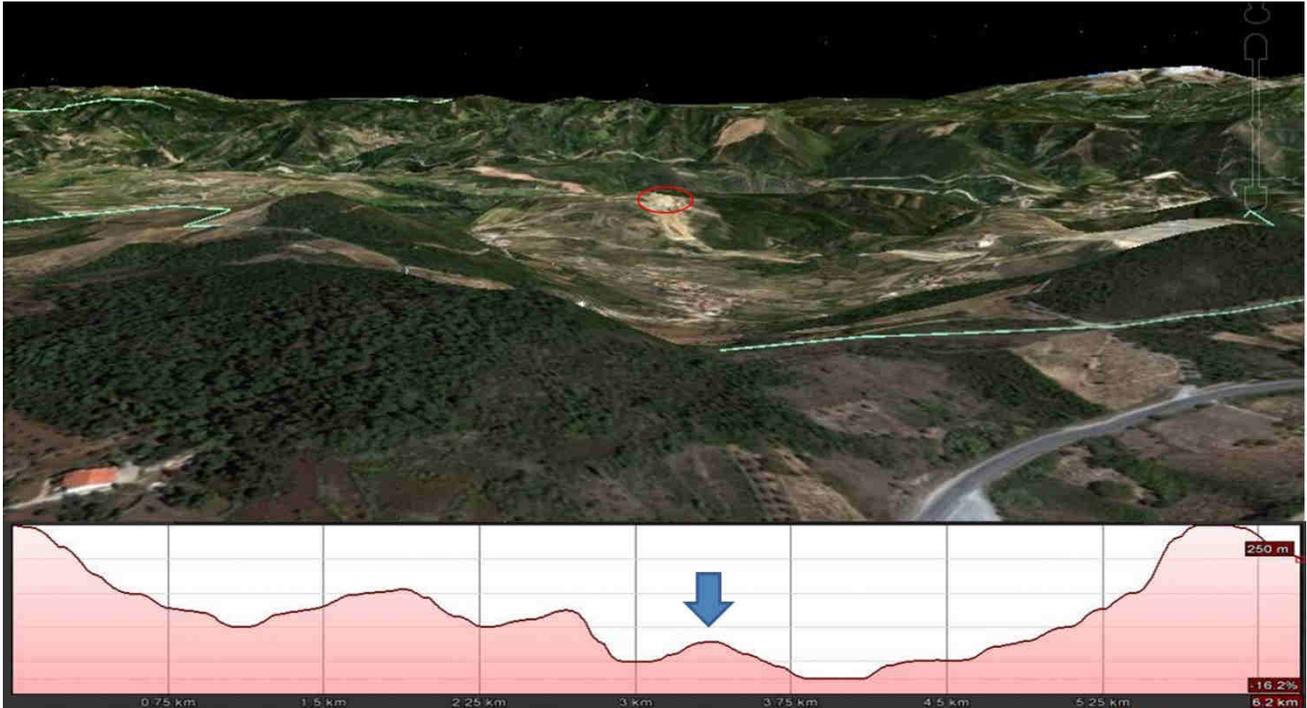


Figura 2 – Localização da Senhora da Alegria (círculo vermelho e seta azul) e perfil topográfico Este – Oeste. É visível o carácter de bacia em que a elevação do sítio se enquadra e a visibilidade relativamente restrita sobre a paisagem, condicionada pelas cotas maiores das elevações envolventes (fonte: Google Earth).

Situado num ponto alto, a sua visibilidade sobre a paisagem era, contudo, relativamente restrita, uma vez que o local se encontrava envolvido, praticamente a 360°, por elevações de cota mais alta. Apenas na direcção de Coimbra, portanto da cabeça da ria flandrina, a visibilidade se estendia um pouco mais, não directamente a partir do sítio, mas do vizinho topo do cabeço onde se encontra a igreja que lhe emprestou o nome (Figura 2).

3. A ocupação do Neolítico Final: breve caracterização.

Os contextos correspondentes ao Neolítico Final surgem em continuidade em relação à ocupação do Neolítico Médio (já datada por uma datação de radiocarbono - Beta-339601 - 4730 ± 40 BP - 3640-3370 cal a.C. 2σ - Valera, 2013), sobrepondo-se e cortando os seus depósitos e estruturas. Esta fase de ocupação correspondente ao Neolítico Final pode, por sua vez, ser dividida em dois momentos. O primeiro está relacionado com a construção e preenchimentos de vários fossos (Fossos 10, 15/16, 17 e 19) e o segundo com uma série de estruturas pétreas e formação de pisos de ocupação que cobrem os fossos já preenchidos. Algumas das estruturas externas aos fossos, contudo, localizam-se em zonas em que não cobrem fossos, podendo, assim, ser deles contemporâneas. Entre a globalidade de estruturas referenciadas nesta fase, positivas e negativas, foram identificados fossos, restos de muros, aglomerados pétreos, eventuais restos de cabanas, buracos de postes (Figura 3), aos quais se associava um grande número de materiais cerâmicos e líticos, tanto em pedra lascada como polida.



Figura 3 – Exemplos de estruturas integradas na fase do Neolítico Final da Senhora da Alegria: 1. Fosso 10; 2. Fosso 15/16; 3. possível lareira; 4. Alinhamento pétreo.

Relativamente aos materiais, o aparelho cerâmico é dominado por recipientes lisos (não há registos de cerâmicas decoradas), com morfologias onde dominam as taças (algumas das quais de carena alta), tigelas e esféricos. Na indústria lítica talhada, a componente laminar está bem representada e sobrepõem-se à componente lamelar nos produtos alongados. Embora as lamelas continuem frequentes, as lâminas de sílex (de dimensões apreciáveis),

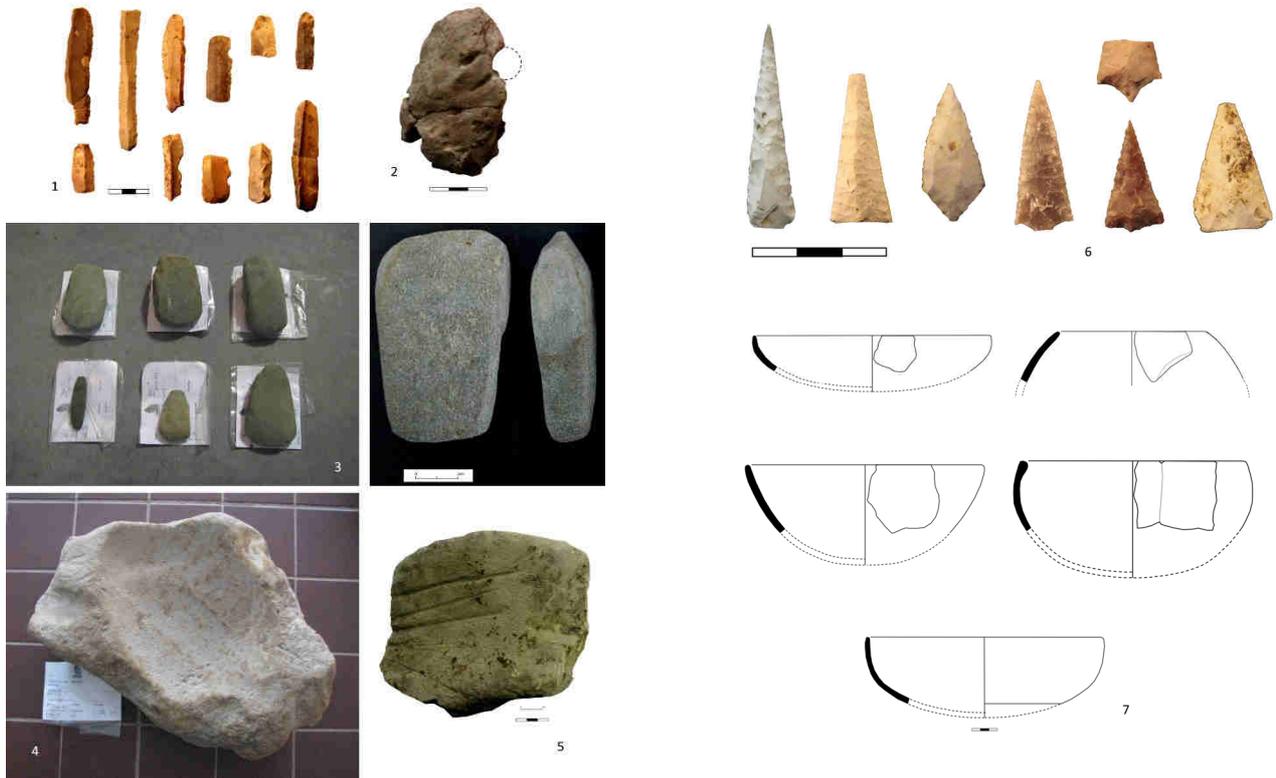


Figura 4 – Exemplo de materiais provenientes dos contextos do Neolítico Final da Senhora da Alegria: 1. Lâminas de sílex; 2. “Ídolo de Cornos” decorado; 3. Instrumentos de pedra polida; 4. Dormente de mó manual; 5. Polidor de instrumentos de pedra polida; 6. Pontas de seta em sílex; 7. Recipientes cerâmicos.

dominantemente segmentadas e retocadas, são mais abundantes. As lascas e utensílios sobre lasca estão presentes e as pontas de seta fazem o seu aparecimento no sítio, apresentando bases côncavas, triangulares e bicôncava (ou com pedúnculo sugerido) de retoque cobridor bifacial ou cobridor/marginal, sendo maioritariamente produzidas sobre suportes laminares em sílex. A pedra polida, com machados e enxós, torna-se ainda mais abundante que na fase anterior (final do Neolítico Médio) e com peças de maiores dimensões. Os elementos de moagem são igualmente mais frequentes e de maiores dimensões. Finalmente, e no âmbito do sagrado, registaram-se três fragmentos de ídolos de cornos em cerâmica, um dos quais decorado (Figura 4).

4. A “casa” sub-rectangular

A casa sub-rectangular localizava-se na extremidade Este da área intervencionada, numa zona onde ocorriam algumas estruturas em pedra exteriores aos fossos, os quais, nesta fase, apenas foram registados do lado Oeste, sob um outro conjunto de estruturas pétreas externas (Figura 5).

Encontrava-se, assim, relativamente isolada. Junto ao seu ângulo NO registou-se uma pequena aglomeração pétreia (8024 - Figura 7) com materiais integráveis no Neolítico Final. Outras estruturas e aglomerações pétreas apresentavam-se mais dispersas e afastadas, não sendo possível estabelecer relações estratigráficas directas entre estas e a casa.

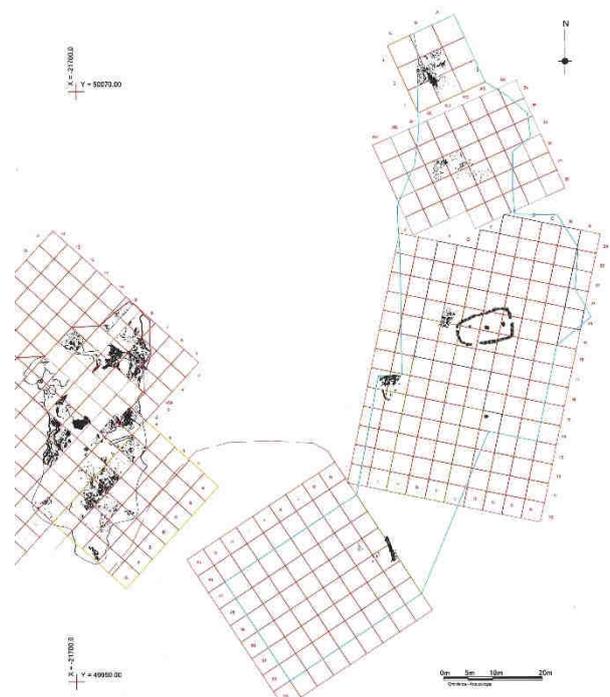


Figura 5 – Localização da casa sub-rectangular no contexto das estruturas pétreas externas a fossos, da fase do Neolítico Final da Senhora da Alegria.



Figura 6 – Aspecto da casa sub-rectangular da Senhora da Alegria. De ângulos ligeiramente arredondados, apresenta uma largura máxima de 5,5 metros e um comprimento de 11 metros.

Trata-se de uma casa de planta sub-rectangular, de ângulos arredondados e com o lado Oeste um pouco mais curto que o lado Este (o que lhe confere também um ligeiro aspecto por sub-trapezoidal). É definida por um conjunto de 33 grandes buracos de poste periféricos e por dois outros buracos de poste ao longo de um alinhamento central longitudinal (um terceiro buraco teria existido, mas terá sido afectado pela abertura de uma pequena sondagem prévia que não permitiu a identificação da estrutura – Figura 6). As suas dimensões são de 5,5 metros de largura máxima e de 11 metros de comprimento. Apresenta uma entrada genericamente orientada a Este, com um eixo central alinhado entre $257^{\circ} - 77^{\circ}$. A entrada tem uma amplitude de cerca de um metro e é marcada por uma pequena sanja com cerca de 15cm de largura máxima e 50 cm de comprimento, que abrange a sua metade sul (Figura 9).

Todos os buracos de poste, por vezes de grandes dimensões e sempre largos, apresentam um intenso preenchimento com calços de pequenas, grandes e médias dimensões. Estes calços são predominantemente em arenito/grés, mas também ocorrem em quartzito, quartzo, granito e xisto (esta última matéria-prima com carácter vestigial).

Vários destes buracos revelam dois momentos de preenchimento, com redução das áreas de implantação dos postes (e das dimensões destes), indicando que a estrutura foi sujeita a algumas remodelações ao longo da sua vida útil (Figura 10).

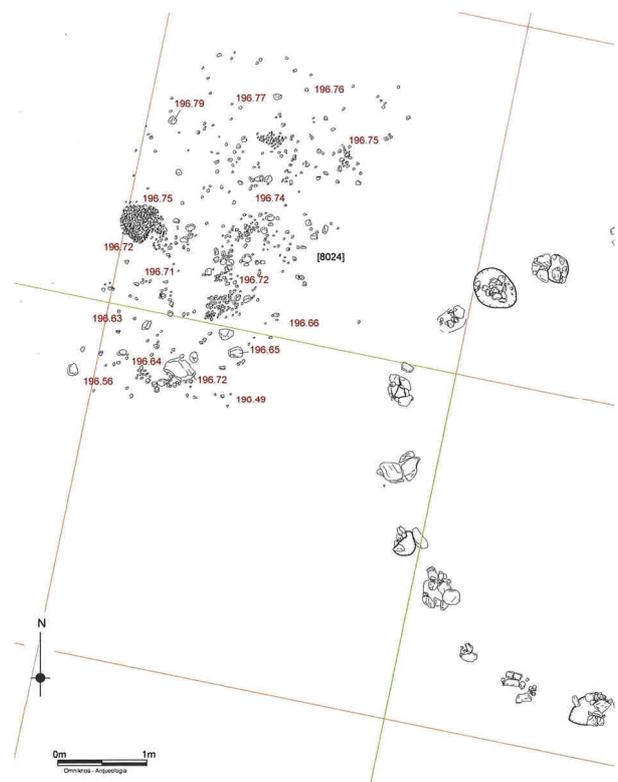


Figura 7 – Empedrado [8024] junto à extremidade Oeste da casa.



Figura 8 – Planta da casa sub-retangular e perfis dos buracos de poste.



Figura 9 – Entrada da casa, marcada por uma pequena sanja.

5. Enquadramento cronológico e discussão

Os buracos de poste desta estrutura foram abertos no depósito [3040], o qual constitui o solo sobre o qual a cabana foi edificada. Este depósito assenta directamente sobre um coluvião [3324], o qual cobre os contextos preservados do Neolítico Antigo. Os materiais recolhidos no depósito [3040] integram-se no espectro de materiais que caracterizam a ocupação do Neolítico Final da Senhora da Alegria anteriormente descrito (Figuras 4 e 11). Ou seja, no ponto em que se implanta a casa sub-rectangular a fase do Neolítico Médio não se faz representar.

No seu espaço interno, e ao nível da superfície em que se definiu o topo dos buracos de poste, não foram registados materiais. Contudo, entre o número muito reduzido de materiais recuperados no interior dos buracos de poste ocorre um fragmento de bordo de taça de carena alta (Figura 11), tipologicamente integrável no aparelho cerâmico típico do Neolítico Final do centro de Portugal.

Finalmente, o depósito que cobre os buracos de poste [3336] não forneceu qualquer material diagnóstico que permita uma atribuição cronológica relativa à sua formação, podendo dizer-se apenas que é *post* construção da casa.

Estas circunstâncias, associadas à proximidade de um aglomerado pétreo igualmente atribuído a esta fase, apontam para uma integração desta estrutura na ocupação do Neolítico Final da Senhora da Alegria, eventualmente na fase já posterior à colmatação dos fossos.



Figura 10 – Aspecto de alguns buracos de poste com evidências de remodelação.

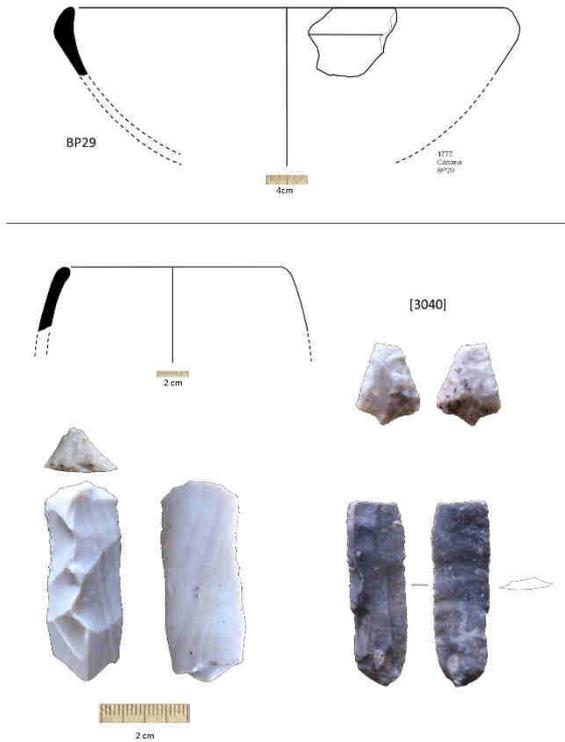


Figura 11 – Taça carenada proveniente do buraco de poste 29 e materiais provenientes do depósito [3040], no qual foram abertas as infraestruturas da casa sub-retangular.

Contudo, alguns aspectos devem ser considerados perante esta atribuição cronológica.

Primeiro, a datação realizada sobre carvões de pequenas dimensões recolhidos num dos buracos de poste (nº13). A data obtida sobre uma amostra de carvões de *Quercus* Sp. (Beta-350354 - 3730±30BP - 2200-2030 cal a.C. 2σ) não é compatível com os materiais e situação estratigráfica, apontando para um momento do início da Idade do Bronze, para o qual não existe qualquer evidência arqueológica no sítio. Na realidade, para a Idade do Bronze, mas atribuível ao Bronze Final, apenas se registou um depósito estruturado de uma taça carenada e fundo em *omphalos* no interior de um outro recipiente cuja morfologia não foi possível reconstituir (Figura 12). Trata-se de um depósito isolado, localizado numa área bastante afastada da casa. A datação obtida poderá, pois, tratar-se de uma situação de contaminação da amostra ou de migração dos carvões, já que os sedimentos dos diferentes depósitos intervencionados na Senhora da Alegria apresentavam sempre características silto arenosas.

Outro aspecto a considerar diz respeito às próprias características da estrutura, nomeadamente à sua tendência rectangular (ainda que de ângulos arredondados). De facto, casas com as características evidenciadas pela estrutura da Senhora da Alegria não são conhecidas para o Neolítico Final do actual território português ou mesmo peninsular, ainda que a existência de casas rectangulares nos inícios do Neolítico tenha sido proposta para alguns contextos.



Figura 12 – Depósito estruturado isolado de recipientes cerâmicos do final da Idade do Bronze.

Efectivamente, na busca de paralelismos com as chamadas “longhouses” do Neolítico centro europeu, a presença de casas alongadas de planta ortogonal foi assumida para o sítio de Castelo Belinho (Algarve), datado de meados/segunda metade do 5º milénio a.C., procurando dar sentido a um conjunto de buracos de poste (Gomes, 2008; 2021). Já na fachada mediterrânica da península são conhecidos alguns outros casos de plantas rectangulares para contextos do Neolítico Antigo e Médio inicial, como os sítios de Mas d’Is, em Valência, (Bernabeu Aubán *et al.*, 2003), de Ca n’lsach na Catalunha (Tarrús *et al.*, 2016) ou de Fuente de Isso em Albacete (Atiénzar, López, 2008), enquanto que para La Draga a reconstituição de casas palafíticas assume igualmente uma planta ortogonal (Campana, 2018).

Mais recentemente, e para Portugal, as primeiras evidências de plantas ortogonais no Calcolítico foram reclamadas para o sítio muralhado de Outeiro Redondo, em Sesimbra (Cardoso, 2019), onde alguns ângulos formados por muros foram identificados como pertencendo a cabanas rectangulares. Contudo, já Afonso do Paço havia identificado alguns compartimentos rectangulares em Vila Nova de São Pedro, mas sobre os quais não dispomos de informações (para além de imagens fotográficas), nem mesmo sobre a sua efectiva cronologia pré-histórica (Paço, Jalhay, 1942).

A realidade, contudo, é que a arquitectura entre meados do 4º e o final do 3º milénio a.C. é essencialmente caracterizada pela raridade dos ângulos rectos e de planos ortogonais, dando clara prevalência à linha curva, seja no desenho irregular, seja nas formas próximas da elipsoidal, da oval ou da circular, acompanhando o que parece ser uma tendência da Europa mais ocidental (Bradley, 2012).

De facto, a nível peninsular, é com a Idade do Bronze que a organização ortogonal do espaço começa a desenhar-se e a ganhar preponderância ao nível da arquitectura da estrutura. Por exemplo, na parte mais oriental do Vale do Douro, no “Horizonte de Parpantique” (Bronze Inicial), surgem casas de planta tendencialmente rectangular à base de postes (Fernández, Almeida 2011; Fonseca de la Torre, 2021), enquanto no Bronze Argárico e Levantino essas plantas estão

já bem representadas em construções em pedra e pedra e adobe (Lull *et al.*, 2015; Pastor Quiles, 2021).

Mas é mesmo já na Idade do Ferro que encontramos plantas de “casas” alongadas de postes que formalmente mais se aparentam com a estrutura da Senhora da Alegria. Casos das identificadas em diferentes sítios madrilenhos, como os de Las Camas e La Cuesta, que apresentam uma tendência rectangular, mas de extremidades arredondadas, e com um eixo central de postes (Agustí García *et al.*, 2012; Flores Fernández; Sanabria Marcos, 2012) (Figura 13).

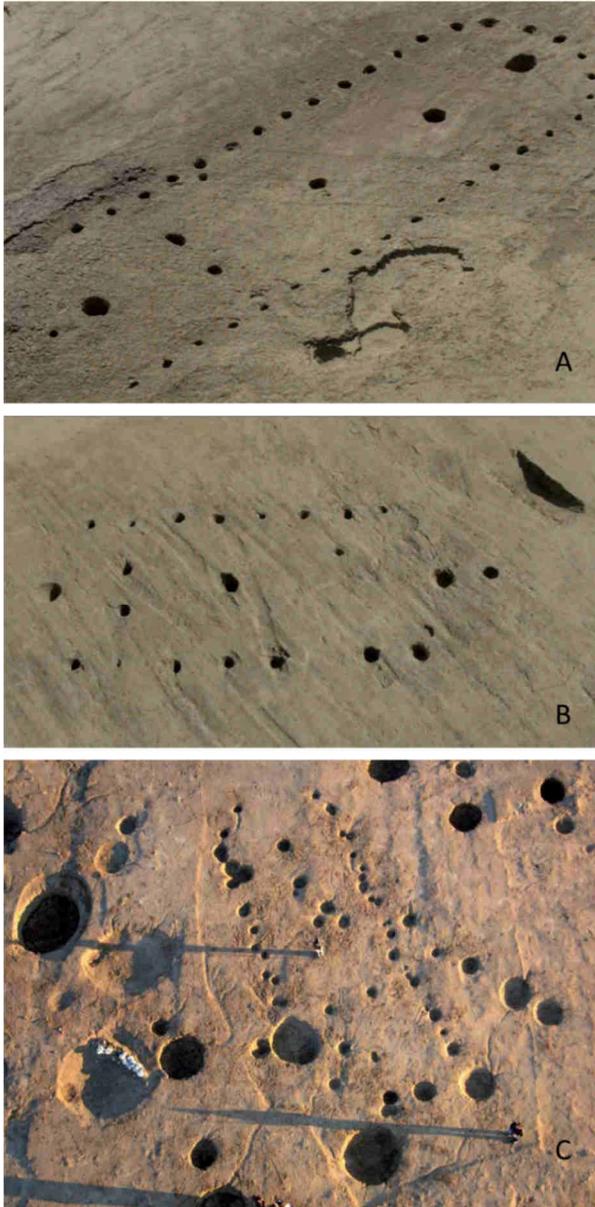


Figura 13 – “Longhouses” da Idade do Ferro na região de Madrid. A e B de Las Camas (segundo Agustí García *et al.*, 2012); C de La Cuesta (segundo Flores Fernández; Sanabria Marcos, 2012).

Tendo em conta este cenário e o carácter “solitário” da arquitectura desta casa da Senhora da Alegria no panorama do Neolítico Final peninsular, não podemos deixar de equacionar alguma dúvida relativamente ao seu

enquadramento cronológico. A datação obtida articula-se bem com o designado Horizonte Parpantique mesetenho (final do 3º / transição para o 2º milénio a.C. – Bronze Inicial), onde surgem já cabanas ortogonais. Os materiais neolíticos na zona da casa da Senhora da Alegria são do depósito prévio em que foram abertos os buracos de poste ou do aglomerado pétreo lateral, e a presença de um fragmento de taça carenada num dos buracos de poste poderia resultar precisamente do processo de abertura do buraco. Por outro lado, o depósito que cobria a estrutura não forneceu materiais arqueológicos diagnóstico, pelo que não é de todo impossível que a estrutura fosse mais tardia e construída na superfície de um solo de ocupação do Neolítico Final aflorante.

Mas esta dúvida resulta essencialmente do aspecto aparentemente anacrónico da estrutura, nomeadamente para o Neolítico Final da fachada ocidental da península. Na realidade, porém, mais improvável seria uma edificação, com o nível de investimento que esta pressupõe, ser mais tardia, da Idade do Bronze ou da Idade do Ferro, e não existirem quaisquer outros vestígios destas épocas em todo o sítio, com excepção do referido depósito isolado. Teremos, assim, que valorizar o seu enquadramento por contextos e materiais do Neolítico Final, assumindo o seu carácter excêntrico para o período. E levar em linha de conta a presença, ainda que de maneira igualmente pontual (e nem sempre evidente), da arquitectura ortogonal em contextos anteriores do Neolítico Antigo e posteriores do Calcolítico.

6. Nota Final

É um facto que, durante a Pré-História Recente, houve momentos e regiões europeias em que a arquitectura privilegiou a curva e o círculo. Richard Bradley (2012) abordou esta problemática a partir da arquitectura doméstica, numa perspectiva transregional de longa diacronia, sublinhando a tendência para as construções circulares ou à base da curva na Europa Atlântica, por oposição à tendência rectangular da Europa Central, mas onde, como sabemos, toda a tradição dos recintos cerimoniais de fossos, paliçadas e taludes (roundels ou kreisgrabenanlagen) é predominantemente circular.

No que respeita a Portugal, como parte integrante dessa fachada atlântica, a tendência foi também para uma arquitectura baseada na curva. Não se tratou, contudo, de um exclusivo, pois, como vimos, algumas construções existem onde o ângulo e até a ortogonalidade estão presentes ou são sugeridos.

As evidências de arquitecturas atribuíveis ao Neolítico Antigo são escassas. Foi referida a proposta de casas rectangulares para dar sentido a um conjunto de buracos de poste no sítio do Castelo Belinho datado essencialmente da segunda metade do 5º milénio AC, procurando uma situação paralelizável com as construções retangulares do Neolítico centro europeu. Esta situação, contudo, é caso único para o Neolítico Antigo em Portugal e as reconstituições de plantas propostas não são de forma alguma indiscutíveis. Já no que respeita aos cromeleques, cujas cronologias têm vindo a ser recuadas para momentos mais antigos dentro do Neolítico, o que se pode depreender das plantas existentes é um claro

pendor para o uso da curva, com desenhos elipsoidais ou hemi-elipsoidais abertos (em “U”). A exceção seria o cromeleque do Xerez, em quadrilátero, a aceitar-se as observações e argumentos apresentados na publicação da escavação arqueológica realizada sobre a reconstrução da estrutura feita em meados do século XX (Gomes, 2000), após ter sido descoberto no estado de total desmantelamento.

Para o Neolítico Médio a informação é escassa relativamente às arquiteturas domésticas. Contudo, no que respeita aos momentos iniciais do megalitismo, nomeadamente no sul de Portugal, no tradicionalmente designado proto-megalitismo, as câmaras funerárias apresentam plantas tendencialmente retangulares, sub-retangulares, trapezoidais ou sub-trapezoidais, ainda que algumas se aproximem da elipse ou do ovalado e outras sejam envolvidas por tumulus de pendor circular, como os sepulcros dos Godinhos ou da Barroca (Mataloto *et al.*, 2016/17). A linha curva, porém, não parece ainda ter ganho qualquer tipo de preponderância nestes tempos mais recuados do Neolítico do ocidente peninsular.

Será a partir do final desta fase (c. 3500-3400) que a curva, o traço ondulante e as aproximações à geometria do círculo, da elipse e outras formas afins se começam a afirmar, para se tornarem dominantes no Neolítico Final e sobretudo no Calcolítico. A tendência para a circularidade começa a afirmar-se nas câmaras de hipogeus e de monumentos megalíticos e nas estruturas tumulares destes últimos. Os primeiros recintos de fossos fazem o seu aparecimento, e com eles os traçados ondulados, já patentes nos fossos mais antigos dos Perdigões (Valera, 2018). A partir dos últimos três séculos do 4º milénio e durante o 3º milénio a.C., a propensão para a curva impõe-se nos recintos, nos traçados sinuosos ou lobulados dos fossos, nas construções de cabanas e torres, em traçados de muralhas, nas câmaras dos monumentos de tipo *tholos*, na construção de “timber Circles” cerimoniais, ou seja, em praticamente todas as categorias da arquitetura da época.

Existem, todavia, algumas situações dissonantes. Podemos vê-las nos ângulos abertos formados por muralhas nos recintos de S. Pedro (Mataloto, 2010) ou Porto das Carretas (Silva, Soares, 2010) e num dos fossos exteriores de Moreiros 2 (Valera *et al.*, 2013). O mesmo acontece na Estremadura, onde também se registam alguns desvios, como a planta proposta para o recinto muralhado da Pedra do Ouro (Leisner, Schubart, 1966) ou as referidas estruturas ortogonais no recinto de Outeiro Redondo e eventualmente em Vila Nova de S. Pedro. São, contudo, situações pontuais e que não mascaram a preponderância de uma arquitetura à base da linha curva e da tendência circular. A cabana da Senhora da Alegria será uma dessas singularidades.

Referências Bibliográficas

AGUSTÍ GARCÍA, E.; MORÍN DE PABLOS, J.; URBINA MARTÍNEZ, D.; LÓPEZ FRAILE, F.J.; SANABRIA MARCOS, P.J.; LÓPEZ LÓPEZ, G.; LÓPEZ RECIO, M.; ILLÁN ILLÁN, J.M.; SAINZ DE LOS TERREROS, J.Y.; MONTERO, I. (2012) – El yacimiento de Las Camas (Villaverde, Madrid). Longhouses in the Meseta Central. In: Morín de Pablos, J.; Urbina Martínez, D. (eds.), *El primer milenio a.C. en la Meseta Central. De la longhouse al oppidum*. Madrid. Audema: 111-147.

ATIÉNZAR, G.G.; LÓPEZ, F. (2008) – El yacimiento de Fuente de Isso y el poblamiento neolítico en el Campo de Hellín (Albacete). *Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular*. 1: 117-125.

BERNABEU AUBÁN, J.; OROZCO KÖHLER, T.; DIEZ CASTILLO, A.; GÓMEZ PUCHE, M.; MOLINA HERNÁNDEZ, F. J. (2003) – Mas d’Is (Penàguila, Alicante): Aldeas y recintos monumentales del Neolítico inicial en el Valle del Serpis. *Trabajos de Prehistoria*. 60(2): 39-59.

BRADLEY, R. (2012) – *The idea of order. The circular archetype in Prehistoric Europe*. Oxford, Oxford University Press.

CAMPANA, I. (2018) – *Prehistoric house and 3D reconstitution: towards a BIM archaeology*. Tese de doutoramento. Barcelona. Universidad Autonoma de Barcelona. Policopiado.

CARDOSO, J.L. (2019) – Primeiras evidências de plantas ortogonais no Calcolítico da Estremadura portuguesa: as cabanas do povoado fortificado calcolítico do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Akra Barbarion*. 3: 147-155.

DIAS, J.M.A. (1987) – *Dinâmica sedimentar e evolução recente da plataforma continental setentrional portuguesa*, Policopiado.

FLORES FERNÁNDEZ, R.; SANABRIA MARCOS, P.J. (2012) – La Cuesta, Torrejón de Velasco (Madrid): un hábitat singular en la I Edad del Hierro. In: Morín de Pablos, J.; Urbina Martínez, D. (eds.), *El primer milenio a.C. en la Meseta Central. De la longhouse al oppidum*. Madrid. Audema: 149-171.

GOMES, M.V. (2000) – Cromeleque do Xerez. A ordenação do caos. *Das Terras do Xerez às novas Terras da Luz*. Memórias d’Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva. 2: 17-192.

GOMES, M.V. (2008) – Castelo Belinho (Algarve, Portugal) and the first southwest Iberian villages. In: M. Diniz (ed.), *The Early Neolithic in the Iberian Peninsula. Regional and transregional components*. BAR International Series, 1857: 71-78.

GOMES, M.V. (2021) – Castelo Belinho, a pristine Neolithic village on the Southwestern Iberian Peninsula: spaces, structures, functions and symbols, at the rise of urbanization. *Expression*, 32: 58-73.

LULL, V.; MICÓ PÉREZ, R.; RIHUETE HERRADA, C.; RISCH, R. (2015b) – Transition and conflict at the end of the 3rd millennium BC in south Iberia. *2200 BC- Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der Alten Welt?/ 2200 BC*. 7. Mitteldeutscher Archäologentag vom 23. Bis 26. Oktober 2014 in Halle (Saale). Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 12/1: 365-407.

MATALOTO, R. (2010) – O 4º e o 3º milénio a.C. no povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In: V. Gonçalves, A.C. Sousa (eds.), *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénio a.n.e.. Cascais*. CMC: 263-295.

MATALOTO, R.; ANDRADE, M.A.; PEREIRA, A. (2016/17) – O megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23: 33-156.

PAÇO, A.; JALHAY, E. (1942) – A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3ª, 4ª e 5ª campanhas – 1939, 1940 e 1941. *Brotéria*, Separata, Lisboa, Vol. XXXIV. 6: 2-31.

PASTOR QUILES, M. (2021) – *Procesos constructivos y edificación con tierra durante la Prehistoria Reciente en las tierras meridionales valencianas*. Servicio de Investigación Prehistórica del Museu de Prehistoria de Valencia. 126. Valencia. Diputación de Valencia.

SILVA, C.T.; SOARES, J. (2010) – O povoado fortificado do Porto das Carretas. In: V. Gonçalves, A.C. Sousa (eds.), *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénio a.n.e., Cascais*. CMC: 225-261.

TARRUS, J.; ALIAGA, S.; CHINCHILLA, J.; MERCADEL, O. (2016) – Ca n’lsach (Palauverdà): un poblado neolítico (V-IV milenio aC) en la zona dolménica del Alt Empordà. In: H. Bonet Rosado (Coord.). *Del neolític a l’edat de bronze en el Mediterrani occidental. estudis en homenatge a Bernat Martí Oliver*. Valencia. Diputación de Valencia: 249-256.

VALERA, A.C. (2013) – Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português. *Arqueologia em Portugal*

150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. AAP: 335-343.

VALERA, A.C. ed. (2018) – *Os Perdígões Neolíticos. Génese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio ac)*. Perdígões Monográfica. 1. Lisboa. NIA-ERA.

VALERA, A.C.; BECKER, H.; BOAVENTURA, R. (2013) – Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9: 37-46.

VALERA, A.C.; REIS, H.; PEREIRO, T. DO; RAMOS, R. (2020) – O povoado do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria e a problemática da contextualização da cerâmica impressa no centro litoral de Portugal, in: Salvador Pardo-Gordó; Anna Gómez-Bach; Miquel Molist Montaña; Joan Bernabeu Aubán (eds.), *Contextualizando la cerâmica impressa: horizontes culturales en la Península Ibérica*. Barcelona. UAB: 183-200.

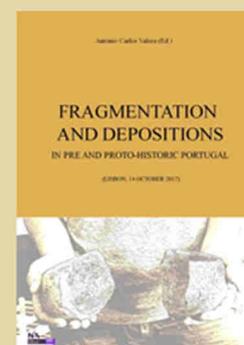
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2022)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

